

# HITLER / 1962

um filme de **Stuart Heisler**

**Realização:** Stuart Heisler / **Argumento:** Sam Neuman e E. Charles Straus / **Direcção de Fotografia:** Joseph F. Biroc / **Direcção Artística e Cenários:** William Glasgow e Frank Tuttle / **Música:** Hans J. Salter / **Montagem:** Walter Hannemann / **Interpretação:** Richard Basehart (Adolf Hitler), Maria Emo (Eva Braun), Cordula Trantow (Geli Raubal), Martin Kosleck (Goebbels), John Banner (Gregor Strasser), Martin Brandt (Guderian), John Wengraf (Dr. Morell), William Sargent (Stauffenberg), Narda Onyx (Gretl Braun), Gregory Gaye (Rommel), Theodore Marcuse (Julius Streicher), Berry Kroeger (Ernst Rohm), Rick Traeger (Himmler), Lester Fletcher (Edmund Heines), John Mitchum (Goering), Stan Jones (Bormann), Walter Kohler (Jodl), Carl Esmond (Wilhelm Keitel), etc.

**Produção:** Three Crown Productions – Allied Artists / **Produtor:** E. Charles Straus / **Cópia:** da Cinemateca Portuguesa–Museu do Cinema, 16mm, preto e branco, falada em inglês, com legendas eletrónicas em português, 101 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca: março de 2013 (“O Que Quero Ver”).

**NOTA:** a cópia que se irá apresentar corresponde a uma redução para 16mm (o filme foi originalmente rodado em 35mm) que apresenta avançado estado de degradação, tanto ao nível da imagem (cores, riscos) como ao nível do som (ruído de fundo, estalidos). Estando abaixo da qualidade de projecção mínima que a Cinemateca costuma impor para cópias da sua coleção, apresenta-se ainda assim o filme com estas características materiais pela importância do título na filmografia do realizador e pela impossibilidade de localizar outra cópia analógica do filme.

---

Este estranho **Hitler** terá constituído a primeira vez, pelo menos desde o fim da II Guerra (e desde Chaplin e Lubitsch, no decurso da guerra), que um filme americano trouxe a figura do “grande ditador” para o centro absoluto do seu interesse. Foi uma produção de série B, oriunda de duas casas (a Three Crown e a Allied Artists) da “poverty row”, normalmente devotadas a subprodutos típicos do meio, sensacionalistas e “exploitation” quanto bastasse. Apesar disso, **Hitler** é um filme bastante contido, óbvio resultado de um investimento sério – o seu “sensacionalismo” decorre apenas da sua tese, que nem por ser altamente discutível deixa de conter alguma intrínseca seriedade: a ideia de que Hitler, o seu trajecto e a sua “obra”, se explicam integralmente por razões do foro psicanalítico, em especial a sua fixação pela mãe. Mesmo no final, já depois do casamento no “bunker” com Eva Braun e enquanto ambos preparam o suicídio, ela refere que vai morrer como “frau Hitler” e isso suscita o último ataque de fúria de Adolf – porque “frau Hitler” houve só uma, a mãe dele e mais nenhuma. Escusado será dizer que no filme pululam os episódios inacreditáveis como este, e pouco importa rebatê-los.

O projecto de **Hitler** consiste nesta introdução de umas quantas gotas de “tese” e de “romance” (ou melhor dizer, “teatro”: é Hitler como personagem shakespeariana, salvaguardadas todas as proporções) por entre a História, uma operação dramatúrgica que possui ao menos uma virtude: tem uma ideia para Hitler, tem uma ideia para o filmar, e agarra-se a ela até ao fim. É mais do que se pode dizer de algumas mais recentes (e muito mais célebres) variações sobre a figura de Hitler.

Apesar da pobreza de meios, o leque de colaboradores de **Hitler** não é nada pobre. Biroc na fotografia, Tuttle nos cenários, Salter na música – tudo veteranos com largo currículo na melhor Hollywood. À cabeça, claro, Stuart Heisler, que aqui, aos 66 anos, fechava a sua carreira no cinema (depois passaria à televisão), depois de ter sido montador (para Henry King, para Hathaway) nos anos 20 e 30, e de uma carreira de realizador com alguns títulos significativos, como o “noir” **The Glass Key** (1942) ou uma das primeiras abordagens (depois do **Lost Weekend** de Wilder) do alcoolismo por Hollywood, **Smash-Up – The Story of a Woman**.

O pragmatismo era a sua principal virtude, ainda bem conservada neste tempo de **Hitler**. É ver a maneira, “despachada” é o termo, como o filme vai “galopando” a História (“galopando” também é o termo), de elipse em elipse, para em pouco mais de 100 minutos cobrir um período de 22 anos, entre o “putsch” da cervejaria de Munique em 1923 e o suicídio de Hitler no “bunker” de Berlim em 1945. Alguns momentos mostram, de Heisler, mais do que apenas pragmatismo, e evidenciam um sentido subtil da *mise en scène*: o primeiro encontro de Hitler com a sobrinha, em que ela (Cordula Trantow) aparece fresca e desenvolta como uma “country girl” americana vinda de King ou Griffith; ou, durante o episódio da Noite das Facas Longas, a sugestão da homossexualidade de Ernst Rohm e das cúpulas das SA a partir das menções ao frasquinho de perfume “vindo de Paris”.

Também o “cast” tem que se lhe diga. Richard Basehart, mais conhecido dos europeus pelo seu papel, oito anos antes, num filme de Fellini (foi o Matto de **La Strada**), compõe um Hitler neurótico e excessivo, mas ao mesmo tempo muito seco e muito tenso, nunca “grand guignolesco” nem demasiado dependente de maneirismos de composição – nem mesmo quando se põe a debitar tiradas grandiloquentes sobre vir a ser “the master of the world”, desígnio que é duvidoso que alguma vez tenho sido expresso pelo verdadeiro Hitler, que já se contentava em ser o “master” de uma generosa (e germanizada) porção da Europa. Mas entre os secundários, e sobretudo no séquito de Hitler, encontramos uma série de sólidos “character actors” hollywoodianos, com a particularidade de serem, quase todos, actores de origem germânica e/ou judia, emigrados para a América para escaparem ao verdadeiro Hitler.

Portanto, um Hitler “série B”, em “digest” histórico-biográfico-psicanalítico. Como uma fantasia (de cinema) ancorada na realidade, plena de dignidade e, a bem dizer, nenhum “trash”.

Luís Miguel Oliveira